

## **O problema da reciclagem e a discurso da “consciência ambiental” no cotidiano dos catadores de material reciclável da Associação Engenho do Lixo**

Ms. Augusto de Oliveira Tavares

### **RESUMO**

Neste trabalho procuramos compreender como o imaginário do “sujeito ecológico”, referido nos discursos institucionais, repercute nas representações que os catadores fazem de si mesmos, do trabalho da Associação, da reciclagem e do meio ambiente. A principal fonte de informações foram os diários de campo produzidos durante a pesquisa etnográfica além das entrevistas e análise documental. Articulando teoricamente os conceitos de “consciência ambiental” e “autonomia”, lançamos um olhar crítico para a dicotomia “inclusão-exclusão social”. Constatamos que o trabalho dos catadores é marcado fundamentalmente pela sua condição de vulnerabilidade sendo esta mais uma característica estruturante do sistema social e econômico vigente do que sua “falha”, o que faz dos catadores não uma vítima da “exclusão”, mas um sujeito de uma inclusão perversa.

**Palavras-Chave:** Catadores. Consciência Ambiental. Autonomia.

### **1. Introdução**

O Brasil vivencia o desafio de extinguir todos os lixões até 2014. Para tal, está em vigor a Lei 12.305/2010 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. No entanto, pouco se avançou, sobretudo, no Nordeste que concentra o maior número de lixões do país. A necessidade da sua substituição por aterros sanitários impõe que os municípios desenvolvam políticas públicas voltadas para a coleta seletiva e a promoção da consciência ambiental. Além disso, a Lei indica que os catadores estejam organizados em associações ou cooperativas e não mais trabalhando nos lixões ou aleatoriamente nas ruas.

No município de Juazeiro do Norte, o problema dos catadores ganha contornos específicos. Aquém do vertiginoso crescimento econômico, a cidade não dispõe de aterro sanitário e não há políticas públicas de promoção de uma coleta seletiva sistematizada. Ações nesse sentido estão em debate, mas efetivamente ainda não foram postas em prática.

Sendo a reciclagem capaz de diminuir o volume de resíduos no meio ambiente gerando, inclusive, trabalho e renda, a atividade de quem atua nesse setor tende a ser representada como “ecologicamente sustentável”. No entanto, os catadores, que atuam na ponta desse processo, geralmente trabalham em situação de alta vulnerabilidade, sendo os que menos usufruem das vantagens que a reciclagem pode gerar. Partindo desse aparente paradoxo, investigamos o contexto em que se forma essa representação, estabelecendo um contraponto com os discursos dos catadores sobre si mesmos, o trabalho que realizam, a reciclagem e o meio ambiente.

Nesta pesquisa acompanhamos um grupo que variou entre 15 a 20 catadores ligados à Associação Engenho do Lixo. Lançamos mão de uma abordagem etnográfica inspirada em Clifford Gertz, combinada com observação participante e entrevistas semi-estruturadas. A principal fonte de informações foram os diários de campo produzidos durante a observação etnográfica nos quais ficaram registradas as percepções, experiências, detalhes

do contexto, detalhes das falas, encaminhamentos, etc. Ou seja, uma “descrição densa” de tudo que o pesquisador viveu, ouviu, sentiu e interrogou. Articulando os conceitos de “consciência ambiental” e “autonomia” e lançando um olhar crítico para a dicotomia “inclusão-exclusão social”, constatamos que o trabalho dos catadores decorre mais de uma necessidade econômica do que de uma consciência ambiental; demonstramos que a situação de vulnerabilidade é mais uma característica estruturante do sistema vigente do que sua “falha” e que o funcionamento da Associação legitima práticas que não favorecem a autonomia dos sujeitos.

## **2. A Construção do “Sujeito Ecológico”, a dialética da “exclusão” e o desafio da autonomia entre os catadores**

Desde o início da década de 1990, tomando como marco a ECO 92<sup>1</sup> o ideário ecológico, passou a ser parte importante dos processos de constituição da identidade. O discurso do “ecologicamente correto”, inicialmente restrito ao campo da militância ambiental, adentrou nas universidades, na esfera governamental e empresarial, passando a ser um argumento atual e legítimo para validar determinados gastos públicos, atrair votos e, no caso das empresas particulares, vender mais mercadorias.

É nesse contexto que passa também a ganhar projeção e importância o discurso da reciclagem e da economia dos recursos energéticos, atingindo a esfera privada e doméstica. Cresce o argumento de que todos nós precisamos “fazer a nossa parte” reduzindo, reutilizando e reciclando. Nos anos recentes, esse argumento passou a ser tão forte que acabou por superar e até descaracterizar o debate político em torno das responsabilidades do poder público, das grandes corporações e indústrias, ao mesmo tempo em que aumentou a responsabilidade atribuída a cada indivíduo, requisitada do ponto de vista ético-individual.

No entanto, a repercussão desses discursos não foi suficiente para questionar diretamente a lógica do crescimento da produção, da acumulação e do consumo, não chegando a desafiar a dinâmica das relações capitalistas. De certa forma, a alimentava, uma vez que, na onda do “ecologicamente correto” e do “marketing verde” pode-se até vender mais e mais caro, sob o argumento de estar defendendo o meio ambiente.

Discutir a reciclagem de forma efetiva implica em problematizar a produção de resíduos que, por sua vez, implica em repensar o próprio consumo e todas as decisões políticas, econômicas que estão na sua base, como sugere a citação:

A discussão conduzida pela educação ambiental está consideravelmente deslocada do eixo da formação da cidadania enquanto atuação coletiva na esfera pública, já que há um expressivo silêncio no que se refere à implementação de alternativas para o tratamento do lixo por intermédio da regulação estatal ou dos mecanismos de mercado.

---

<sup>1</sup> A ECO-92 foi uma Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. O seu objetivo foi refletir sobre os graves problemas ambientais no mundo e buscar alternativas para conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Estiveram presentes representações governamentais de vários países além das ONG's envolvidas com o tema. O evento repercutiu no mundo todo, chamou atenção para o problema do aquecimento global e ajudou a difundir o conceito de desenvolvimento sustentável. (Cf. NOVAES, Washington. Eco-92: avanços e interrogações. *Estud. av.* [online]. 1992, vol.6, n.15: 79-93)

Além disso, a questão do lixo, nas suas variadas facetas, ainda não se tornou objeto de demanda social específica pela criação de políticas públicas, a exemplo das lutas socioambientais já consolidadas em alguns movimentos sociais. As dispersas e isoladas iniciativas de criação de cooperativas de catadores de lixo, por exemplo, ainda não alcançaram uma articulação ampla e coesa o suficiente para transformar essa atividade em política pública. (LAYRARGUES, 2002: 02)

As proposições do autor fazem parte do que podemos observar na cidade de Juazeiro do Norte, exemplarmente quando se refere às iniciativas de criação de cooperativas e reforça a idéia de que o contexto objetivo repercute diretamente na formação da “consciência ambiental” dos catadores.

Discursos e práticas, obviamente não se separam antes se determinam mutuamente. Apoiado nos estudos de Layrargues (2002), Blauth (1996/97) e Carvalho (1991,2007) podemos distinguir dois discursos clássicos sobre a reciclagem.

Para o *discurso ecológico oficial* a questão do lixo é mais de ordem técnica do que cultural, entende-se que é possível promover o consumo sustentável pela combinação da reciclagem com tecnologias não poluentes. Essa postura não coloca em cheque a lógica do consumo. A reciclagem é vista como aspecto mais importante desde que inserida dentro da lógica do mercado.

Já para o *discurso ecológico alternativo* o problema do lixo é uma questão cultural, ou seja, depende das relações sociais (materiais e imateriais) que estabelecemos no contexto da sociedade. Parte da convicção de que o consumismo é o grande problema a ser equacionado e relativiza a ideia de crescimento econômico ligado à felicidade. Compreende que os problemas ambientais e sociais são decorrentes do consumismo. Nesse sentido, não haverá solução viável para o problema do lixo se não for repensado a própria dinâmica da produção e do consumo.

O *discurso ecológico oficial* tornou-se hegemônico na nossa sociedade e predomina na ideologia dos meios de comunicação, de setores políticos, econômico-empresariais, do senso comum reforçado pela ideia de “sujeito ecológico” de algumas organizações “ambientalistas” e até das universidades, gerando, segundo o nosso entendimento, uma distorção ou parcialidade no debate sobre a reciclagem que acaba por favorecer exatamente o que deveria ser combatido.

Portanto, remeter o trabalho de quem lida com a reciclagem, desde os catadores à indústria de transformação, a uma “consciência ambiental”, pode ser um equívoco ou parcialidade. Os sistemas econômicos fundados na visão de desenvolvimento tradicional criaram e continuam reproduzindo lógicas abstratas que favorecem o consumo, o descarte e o desperdício.

Outro aspecto desta análise que procuramos refutar é a identificação do catador com um sujeito “excluído” da sociedade. O uso da expressão “exclusão social” tornou-se comum na universidade, no jargão político e na militância social para se referir, geralmente, a situação de grupos ou indivíduos que não têm acesso aos bens materiais ou simbólicos produzidos pelo mercado e difundidos pelos efeitos da globalização.

No entanto, o termo “exclusão” tem sido utilizado por diferentes áreas de conhecimento e nos mais variados sentidos, às vezes, de forma vaga ou imprecisa. Para nós isso não invalida o conceito, mas coloca-nos a necessidade de reconhecê-lo como fenômeno histórico que, como tal, só pode ser compreendido como um processo contraditório que relativiza o conceito de “inclusão” como seu oposto e percebe ambos,

numa perspectiva dialética. É nesse sentido que podemos afirmar que “A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão” (SAWAIA, Bader. 2001:08)

No caso dos catadores, nos parece mais adequado falar em “inclusão perversa”<sup>2</sup> para evidenciar que as condições econômicas, sociais, culturais e subjetivas na qual estão inseridos, são resultados de um modelo de desenvolvimento econômico e não uma falha do mesmo. Ou seja, a informalidade, a precarização das relações de trabalho, os baixos rendimentos a que estão submetidos são fatores que contribuem para a lucratividade dos atravessadores, donos dos depósitos, usinas de beneficiamento e fábricas que trabalham com reciclagem. No mesmo sentido, as Leis, políticas públicas, ações governamentais ou não-governamentais e campanhas midiáticas, ao legitimarem a reciclagem como “direito” ou prática social, sem atentar para as condições de dignidade e autonomia dos catadores, os coloca não em uma condição de “inclusão perversa”.

Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Sawaia segundo o qual

(...) a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação a inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é um processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2001:09)

Questionamos a imagem do catador como alguém que está “excluído” da sociedade precisando nela ser “incluído”, situação na qual estariam resolvidos os seus problemas.

Para lidar essa problemática, faz-se necessário refletir sobre um novo modelo de desenvolvimento societário que busque valorizar a dignidade dos sujeitos e não os ditames do mercado. Nesse sentido, o debate sobre a “consciência ambiental” não deveria prescindir de uma compreensão crítica do contexto que a enseja, pois nenhuma consciência é pura abstração. Não nos interessa, aqui, entrar na imbricada discussão teórica do conceito de “consciência”, porém, compreender as implicações ideo-políticas dos discursos nos contextos nos quais ele se forma e ganha sentido.

A ideia de consciência que mais se aproxima com a proposta que defendemos articula-se com a perspectiva de autonomia para Paulo Freire (1996) que corresponde à capacidade do sujeito de tomar decisões, ser responsável pelos seus atos, ter dignidade e saber-se no mundo de maneira crítica. Portanto, não é algo que se recebe ou se obtém, é antes de tudo, um processo que se vivencia através de uma práxis libertadora.

Defendemos a consciência ambiental como resultado de um processo constante de construção da autonomia, sempre atento às condições objetivas e subjetivas da condição humana. Assim, não haveria propósito em falar isoladamente de uma “consciência ambiental”, ao passo que eu não posso afirmar que alguém é consciente ambientalmente e inconsciente político. Consciência é sempre a consciência de si mesmo, do outro e do mundo.

---

<sup>2</sup> Sobre o conceito de “inclusão perversa” cf. SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Vozes: 2001

Ainda apoiados em Freire (1996), postulamos que a capacidade de reflexão que permite fazer a necessária leitura crítica da realidade é inerente a todo ser humano, mas precisa ser descoberta e aprimorada, como fica claro nas palavras do autor:

Não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e a não ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. (FREIRE, 1996: 34).

Os catadores, invariavelmente têm um baixo índice de instrução formal, muitos são analfabetos ou semi-alfabetizados. Esse fator é muitas vezes relacionado pelo senso comum como explicação para a dificuldade ou até mesmo impossibilidade do desenvolvimento de uma suposta “consciência ambiental”. Argumento facilmente debelado se levarmos em consideração a massa da população considerada instruída, com larga inserção no sistema de ensino formal, que é incapaz de reconhecer as implicações políticas de suas ações cotidianas.

Portanto, estabelecer um paralelo entre o trabalho dos catadores de material reciclável e o desenvolvimento de uma consciência ambiental foi bem mais do que buscar nexos dentro de uma relação de causa e efeito, e sim interpretar os significados atribuídos pelos próprios catadores a si mesmo, à dinâmica do seu trabalho e a um contexto marcado pelas relações de poder que impõe desigualdades, preconceitos, omissões políticas, interesses financeiros e uma cidadania corroída pelo individualismo e consumismo.

### **3. O trabalho do catador da Associação Engenho do Lixo e os discursos da “reciclagem” e da “consciência ambiental”**

Predomina, em nossa sociedade, um discurso hegemônico que relaciona diretamente o trabalho de reciclagem ao desenvolvimento de uma “consciência ambiental”. A esse respeito, formulamos duas hipóteses.

Se o trabalho de coleta e separação do lixo exercido pelos catadores for capaz de produzir uma consciência ambiental entre seus membros, eles também poderão atuar como educadores ambientais sem abandonar a sua atividade, pelo contrário, sendo favorecido por ela. Sendo a educação ambiental uma bandeira levantada por amplos setores na sociedade, o trabalho de coleta ganharia maior legitimidade e valorização, diminuindo o estigma que recai sobre a mesma.

Se, pelo contrário, não há uma relação relevante entre o trabalho de coleta e a consciência ambiental, estando os catadores e todos os outros níveis do ciclo da reciclagem interessados apenas na lucratividade tendo como foco o mercado econômico, então a tese da consciência ambiental não se sustenta. Neste caso cabe averiguar o propósito dos discursos que insistem, mesmo sem evidências, em relacionar reciclagem com a defesa do meio ambiente, quando pode ser apenas uma forma de sobreviver ou “ganhar dinheiro”.

Partindo dessas interrogações, passamos a analisar as falas dos entrevistados.<sup>3</sup> Sobre a maneira que eles se percebem dentro do contexto do trabalho que realizam, dos oito entrevistados, cinco declararam não pensar mais em fazer outra coisa, expressando o desejo que a profissão seja mais reconhecida e melhorem as condições de trabalho; dois disseram que não gostam de trabalhar como catador, que o trabalho é duro e o ganho pouco, mas que também não veem outra opção e por isso vão ficando e fazem “bicos” de vez em quando. Uma entrevistada disse que está o tempo todo procurando outra coisa, mas enquanto não aparece, vai catando. A esse respeito, foram representativas as falas de duas catadoras:

Eu devo tudo ao lixo... depois que o meu marido morreu se não fosse isso aqui eu tava era lascada porque ele não me deixou nada, então dá para pagar o aluguel do quartinho que vivo com os meus meninos (...) graças a deus tão tudo estudando e dá pra comer. Num dá pra muita coisa não, mas tem a bolsa também que recebo e já ajuda né. E se deus quiser vai melhorar mais ainda o negócio aqui pra gente. (Informação verbal)<sup>4</sup>

E no pólo oposto,

É muito ruim esse serviço..., a gente vive suja é humilhada por aí, o povo olha pra gente assim...pensa que a gente é lixo também. O ganho não dá pra quase nada, só fica mesmo porque é o jeito, num tem outra coisa, a gente não estudou... E se for pra trabalhar em casa de família eu até vou... mas é muito problema, muita exigência e também querem explorar. Olha eu já tentei vender roupa, produto de revista, mas num deu certo, deu não... porque pra nós é tudo mais difícil.... Tô procurando aí... assim que aparecer um negócio melhor (...) Mas no lixo eu num me sinto bem não. Muitas vezes eu penso em não vir. Tô é devendo ainda. Mas se deus quiser eu ainda vou sair daqui. (Informação verbal)<sup>5</sup>

Apesar de insatisfações, todos os entrevistados atribuíram alguma importância ao trabalho que realizam. Seis destacaram o ato de retirar o lixo das ruas e fazer a reciclagem e dois mencionaram a o fato de terem um trabalho, no lugar de está parado. Abaixo, registramos alguns depoimentos representativos dessas dimensões.

O nosso trabalho tira o lixo das ruas que não vai mais pro lixão, vai pra fazer outras coisas, vai pra reciclagem. Eu acho assim... se todo mundo ajudasse já separando né, em casa, a gente não pegava tão misturado. Mas quase ninguém reconhece... Com o nosso trabalho acho que fica menos lixo na rua, fica melhor. (Informação verbal)<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> As entrevistas foram realizadas durante os meses de junho, julho e agosto de 2012 na sede da Associação ou em locais indicados pelo próprio entrevistado, normalmente uma praça pública. Foram transcritos apenas os trechos mais representativos relacionados a: a) autopercepção do catador; b) importância que atribui ao seu trabalho; c) motivo que o levou a catar; d) forma como lida com os seus próprios resíduos e d) preocupação com o meio-ambiente.

<sup>4</sup> Entrevista concedida por um catadora (54 anos) no dia 18 de julho de 2012

<sup>5</sup> Entrevista concedida por um catadora (39 anos) no dia 11 de junho de 2012

<sup>6</sup> Entrevista concedida por um catador (23 anos) no dia 13 de junho de 2012

... se não tiver quem tire o lixo, como é que fica? Tem que ter nós. Acho que é importante pra todo o mundo e até pro planeta né. Aquilo que a gente pega ta impedindo de ficar por aí, sabe lá quanto tempo né, entupindo os esgotos. (Informação verbal)<sup>7</sup>

Importância mesmo é que a gente num fica sem trabalhar... é só sair catando e vender e quanto mais você catar mais dinheiro tem. Ficar sem trabalho é ruim, catar num acho ruim não, é trabalho como outro qualquer. (Informação verbal)<sup>8</sup>

Quanto ao motivo que os levou a catar, as respostas foram bem variadas e extensas porque passaram a relatar as circunstâncias e dramas pessoais. No entanto, em todos os depoimentos a necessidade econômica foi o motivo mais contundente. Expressões como “é porque a gente precisa”; “pra sobreviver”; “porque não tinha outra coisa”; “foi o jeito” eram as mais comuns nos depoimentos. Desemprego prolongado, baixa escolaridade, falta de profissionalização e dramas pessoais como morte, doença e vício, foram os aspectos mais presentes nas falas quando indicavam o motivo pelo qual começaram no trabalho de coletar material reciclável.

Nas entrevistas, chamou-nos atenção certa regularidade nos relatos que apontam que a inserção no trabalho de coleta, se dá, muitas vezes pelo convite ou incentivo de quem já está ou esteve nesta atividade.

Comigo foi assim. Eu adoeci né e num ficava bom de jeito nenhum, melhorava e piorava. Era pneumonia! Fiquei até internado. Antes trabalhava de servente,... Às vezes. Mas aí quando sai do hospital num encontrei mais trabalho e também a minha saúde num voltou do mesmo jeito não. Meu pai morreu e a coisa piorou ainda mais. Um colega que mora lá, perto da gente foi que disse pra eu ir catar, disse como era e me arrumou um carrinho, mas eu sempre conheci gente que catava. Ele já catava, depois parou. (Informação verbal)<sup>9</sup>

Abordado sobre se separam o lixo na sua casa, no geral, responderam afirmativamente, mas sempre relacionado ao valor econômico do material ou a possibilidade de um reaproveitamento pessoal. No entanto, podemos perceber que o valor de reaproveitar surgiu a partir do trabalho como catador, porém, condicionado à necessidade, como se alude deste depoimento:

Eu mesmo, na minha casa a gente separa o que é lixo mesmo e o que não é. Ora, se eu mesmo coleteo, como é que eu num vou separar? Mas é muito pouco. Eu mesmo passo dia fora. Em casa eu junto para depois vender, eu já trago é da rua e quando tem um monte eu levo pra vender. (...) Antes de ser catadora eu num separava não, jogava tudo junto mesmo e botava na rua, também eu não trabalhava com isso. (Informação verbal)<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Entrevista concedida por um catador (45 anos) no dia 11 de junho de 2012

<sup>8</sup> Entrevista concedida por um catador (60 anos) no dia 13 de junho de 2012

<sup>9</sup> Entrevista concedida por um catador (50 anos) no dia 06 de agosto de 2012

<sup>10</sup> Entrevista concedida por um catador (54 anos) no dia 18 de julho de 2012

A quantidade de lixo produzido pelo catador é proporcional à sua capacidade de consumo que tende a ser muito baixa. Percebemos que, no geral, eles não dão muita importância ao lixo produzido por eles mesmos. Dos oito entrevistados, três pareceram não entender muito bem que a pergunta dizia respeito à forma como separa o lixo produzido por ele em casa. Estes fizeram menção ao fato de guardarem o material reciclável em casa ou de separar o que dá para reutilizar.

Rapaz, é uma coisa... aquilo que vale a pena a gente separa. Tem coisa boa que a gente acha e ainda dá pra usar. (...) Assim uma bolsa dessas de escola que tava só suja, coisa que dá para consertar, uma cadeira. Outro dia achei um chinelo que to usando até agora e já teve até uma boneca que dei pra mim filha. Mas é assim... a gente não pode comprar e quando acha alguma coisa mais diferente a gente fica. Antes tinha gente que comia do lixo. Assim, quer dizer, a gente diz que come do lixo, mas é porque a gente junta vende e com o dinheiro compra comida, é assim. (Informação verbal)<sup>11</sup>

Assim como nas ruas, em casa, os catadores separam o material que interessa para a venda. O papelão, por exemplo, atualmente é item pouco valorizado no mercado da reciclagem e, para o catador, a quantidade que precisaria coletar para conseguir um valor significativo, forma um volume muito grande e não compensa o esforço por isso alguns se especializam em apenas alguns tipos de materiais e desprezam outros.

A Associação Engenho do Lixo realiza algumas atividades reconhecidas como de educação ambiental, porém todas são executadas pelo presidente da Associação, que hoje é um ex-catador, ou seja, já não coleta diretamente nas ruas, exercendo mais o papel de “administrador”. Não identificamos, entre os catadores, uma adesão autônoma a tais práticas. Em alguns depoimentos, o discurso sobre o meio ambiente e preservação ambiental até existe, mas é difuso e sem aprofundamento, como denotam os trechos a seguir, referindo-se especificamente à limpeza das margens do rio Salgado, promovida pela Associação:

Quando chama a gente vai limpar o rio. A gente tira muita coisa de lá. Até caixão de defunto eu já vi. Aí eu acho que a agente faz um trabalho que era pra ser da Prefeitura, de limpar..., porque nem tudo que a gente tira dá pra vender”. (Informação verbal)<sup>12</sup>

“Não, nunca fui não. Com é? (...) Ah, já ouvi falar, mas nunca fui não (...) Porque não tenho tempo.” (Informação verbal)<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de julho de 2012

<sup>12</sup> Entrevista concedida por um catador (45 anos) no dia 11 de junho de 2012

<sup>13</sup> Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de junho de 2012



Perguntados se o trabalho do catador contribuiu para a preservação do meio ambiente, registramos os seguintes depoimentos:

É importante, porque evita a poluição, mas a gente sabe que é importante, mas vou ser sincero, a gente precisa é de ganhar. Ele diz que é pra gente ganhar mais depois com as coisas que vem do governo... mas para mim num dá pra ficar esperando não. Olha se eu vou ficar recolhendo o que num serve pra vender? Se pagar eu pego, quer dizer, se valer a pena eu pego (...) ele diz pra gente pegar, mas não é todo mundo que pega não, porque não vai ter serventia nenhuma pra gente, num vende, fica aí só entulhando. (Informação verbal)<sup>14</sup>

A gente escuta muito falar nas palestras, da importância da gente pro meio ambiente. Já vieram, já passaram filme mostrando o que tem por aí no meio do mundo sobre catador, sobre reciclagem. Mas se é tão bom, porque ninguém quer ser? Só sobra para quem é pobre mesmo, que num tem outro meio de vida. (Informação verbal)<sup>15</sup>

A fim de compreender melhor a dinâmica desses discursos, lançamos mão da discussão sobre autonomia e heteronomia em Paulo Freire. Seguindo a abordagem do autor, é impossível pensar a conscientização e, por conseguinte, a consciência ambiental, em uma condição de heteronomia.

A difícil passagem da heteronomia para a autonomia é um dos grandes temas que atravessam o pensamento de Freire. Para o autor, a construção da autonomia é um processo sócio-histórico de um povo, grupo ou pessoa que busque se libertar das pressões que reduzem a sua possibilidade de auto-determinação. Autonomia, nesse sentido, está relacionada com a capacidade humana de “ser para si”. (FREIRE, 1996:108). Heteronomia, por sua vez é o seu imediato oposto, é o sujeito, grupo ou povo que se encontra em situação de alienação e opressão, condição em que se perdeu a noção de si e do mundo. É quando em vez de “ser para si” torna-se “ser para outro” (ibidem, p. 38).

Interpretando os depoimentos dos catadores no contexto em que foram produzidos, compreendemos que se depreende de suas falas as condições de heteronomia a que estão submetidos. A condição de extrema necessidade de sobrevivência condiciona suas “escolhas” limitando a liberdade.

Para Freire, toda forma de opressão, de relação verticalizada, hierarquizada, não dialógica, configura uma situação de heteronomia. Nesse sentido, vale refletir se a forma de organização dos catadores seja em Associação ou Cooperativa, bem como a assessoria de organizações governamentais ou não governamentais tem favorecido a construção da autonomia ou a reprodução de práticas heterônomas. Defendemos que a consciência ambiental, não deriva espontaneamente do trabalho com a reciclagem, mas, outrossim, é resultado de um processo educativo voltado para a uma práxis libertadora que envolve ação e reflexão.

### 3. Considerações Finais

<sup>14</sup> Entrevista concedida por um catador (49 anos) no dia 19 de julho de 2012

<sup>15</sup> Entrevista concedida por um catadora (39 anos) no dia 11 de julho de 2012

O trabalho de coleta de material reciclado realizado nas ruas da cidade de Juazeiro do Norte não é resultado de uma escolha autônoma e sim uma condição de necessidade. É, antes de tudo, fruto de uma sociedade desequilibrada, não como uma “falha do sistema”, mas pela corrosão que a sua própria lógica de funcionamento produz. Ser catador configura-se como uma estratégia de sobrevivência que garante a subsistência de várias famílias fora dos padrões formais de trabalho, mas só existe porque esta mesma sociedade produz resíduos em demasia e ainda não aprendeu como lidar com o mesmo.

Buscando sobreviver dentro das necessidades impostas pela sociedade, os catadores, não agem como sujeitos autônomos, no sentido freiriano. Mas nem por isso estão “excluídos”, principalmente, quando recaem sobre eles os discursos da sociedade sobre “a importância do trabalho que realizam para o meio ambiente”, bem como as iniciativas externas de organizá-los em associações ou cooperativas. A própria sociedade cria representações sociais acerca do trabalho do catador fazendo com que fiquem presos a padrões estabelecidos, chegando a reproduzir esses mesmos padrões em seus discursos.

Nesse sentido, a difusão de uma educação ambiental também fica comprometida, uma vez que os próprios catadores não têm o hábito de repensar suas práticas cotidianas e, em relação a esse grupo, não há espaços de sociabilidade voltados para a reflexão quanto às questões ambientais, a não ser em momentos muitos esporádicos e geralmente como uma iniciativa que vem de fora.

Foi comum, durante o trabalho de campo, alguns catadores se aproximarem do pesquisador para solicitar, no contexto de uma conversa, ajudas materiais. Percebemos que “receber coisas” de quem “tem melhores condições” é valorado de forma positiva entre os catadores e até desejado, fazendo parte de um hábito ou costume arraigado.

A percepção que tivemos foi de que muitos não se veem em condições de superar seus próprios conflitos e melhorar a condição de vida sem os auxílios que veem de terceiros. Não há, entre eles, exemplos de conquistas através do esforço coletivo. Apenas o presidente da Associação (um ex-catador) se refere aos objetos e utensílios da sede e à sua própria criação como uma “conquista dos catadores”. Ele é um dos únicos a articular o discurso da “educação ambiental” como uma forma de legitimar o trabalho que realiza. Porém, as ações que desenvolvem têm mais um efeito simbólico do que impacto na construção de uma cidade sustentável.

No contexto analisado, o catador, que está na ponta do ciclo da reciclagem e faz o trabalho mais árduo é quem menos se beneficia com a riqueza que a reciclagem tem gerado. Enquanto não existirem propostas e ações capazes de superar esse paradoxo, não haverá condições efetivas do desenvolvimento de consciências críticas, autônomas e, por conseguinte, do desenvolvimento de uma consciência ambiental.

A realização desta pesquisa nos inseriu em um contexto complexo de reflexões e práticas sobre a problemática do trabalho dos catadores. No entanto, está longe de esgotar o tema, mas aguçou o nosso interesse de continuar perseguindo essa temática em trabalhos futuros, seja aprofundando as reflexões aqui expostas ou explorando novos caminhos e ampliando a dimensão da pesquisa para outras localidades.

#### **4. Referências**

BLAUTH, P.R. **Rotulagem Ambiental e Consciência Ecológica**. Debates Sócio-Ambientais. CEDEC. out/96 a jan/97, 1997.

BRASIL. **Lei Federal 12.305/2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos.**

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm)>. Acesso em: 18/06/2012.

CARVALHO, I.C.M. **Territorialidades em luta:** uma análise dos discursos ecológicos. São Paulo, Instituto Florestal. Série Registros, no 9, 1991.

CARVALHO, I.C.M. Biografia e Identidade: aportes para uma análise narrativa. **Ambientalmente sustentável**, São Paulo, Janeiro/Junho, 2007, ano II, vol 1, num. 3, p. 19-31. ISSN: 1887-2417

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21

LAYARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R.(Orgs.) “Educação ambiental”: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220. Disponível em: [http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea\\_pdf0005.pdf](http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea_pdf0005.pdf). acesso em 10 jul. 2011

NOVAES, Washington. “Eco-92”: avanços e interrogações. *Estud. av.* [online]. 1992, vol.6, n.15, pp. 79-93

SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Vozes: 2001